

Entrevista com prof. Dr. Emérito Aryon Dall'Igna Rodrigues

Laboratório de Línguas Indígenas LALI – IL – UnB

Por Ana Helena Rossi, Profa. Adjunta, UnB – LET
anahrossi@gmail.com

Aryon Dall'Igna Rodrigues é paranaense. Em 1951, recém-graduado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Paraná, empreende sua primeira viagem de pesquisa a campo com os índios Kaingang. Em 1955/1959, faz seu doutorado em Hamburgo, todavia inédito no Brasil, Phonologie der Tupinambá-Sprache. Em 1963, é contratado pela UnB e torna-se o primeiro chefe do primeiro Departamento de Linguística criado em uma universidade brasileira, instalando o primeiro Mestrado em Linguística no Brasil. Em 1963/1964, dirige o primeiro curso intensivo de preparação de professores de linguística, realizado com apoio financeiro do MEC. Na UnB, cria o Centro de Estudos das Culturas e Línguas Indígenas, e torna-se Coordenador Geral da Pós-Graduação. Em 1965, demite-se em protesto à situação política, e “para” no Museu Nacional (UFRJ). Em 1968, cria e coordena o segundo Programa de Pós-Graduação em Linguística no Brasil, atuando como Chefe do Setor Linguístico do Museu Nacional. Negocia, então, uma dotação da Fundação Ford para realizar uma série de encontros com o título de “Instituto Brasileiro de Linguística”, e formação de doutorandos nos Estados Unidos. Em 1969, participa da criação da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) para a qual foi eleito o primeiro Presidente. Em 1973, transfere-se com um grupo de professores e 25 pós-graduandos do Museu Nacional para a UNICAMP no recém-criado programa de Pós-Graduação em Linguística. Nos anos 1980, participa da criação do GT Línguas Indígenas, e torna-se seu primeiro coordenador. No IEL-UNICAMP, é coordenador do Programa de Pós-Graduação. Em 1988, ele se aposenta e reintegra a UnB, onde consolida uma área de pesquisa em línguas indígenas, que ganha corpo no LALI - Laboratório de Línguas Indígenas.¹

Ana Helena Rossi (AHR): *Qual a relação da linguística com a tradução?*

Aryon Dall'Igna Rodrigues (ADR): Se a gente entende linguística como o estudo científico da natureza da linguagem humana e as suas múltiplas manifestações nas línguas dos povos, a primeira relação é justamente esse ponto comum, a capacidade humana de comunicação através das línguas, e não apenas comunicação mas organização do conhecimento. Não é só saber dar recado para o outro. É entender as coisas. A linguagem humana permite à humanidade entender. Esse é o primeiro ponto da linguagem. Sem a nossa linguagem humana, dificilmente teríamos toda a nossa base de raciocínio que faz do homem ser homem em contraste com o resto dos seres vivos. Não temos nenhuma evidência ainda de um pensamento elaborado da parte de seres não humanos, mesmo os mais aparentados como os antropóides. Essa é uma grande diferença. A língua ou linguagem faz isso. É claro que chipanzés se comunicam, mas não articuladamente como nós, que podemos desenvolver assuntos, experiências. Essa é a grande diferença que faz de nós não sermos macacos. Isso não é simplesmente comunicação, mas organização do conhecimento que permite o acúmulo

¹ Os dados biográficos provêm da seguinte fonte: D'Angelis, Wilmar R., “Aryon das Línguas Rodrigues”, *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, BA, v. 4, n. 2, p. 13-19, dez. 2006.

do conhecimento. Senão a gente esqueceria em seguida. Isso é a linguagem, a língua. Cada uma é um caso particular de linguagem humana. O notável é que, embora haja milhares de línguas, todas elas têm o mesmo denominador comum, que é serem esse instrumento do nosso cérebro com organização e acúmulo do conhecimento. Vista assim, necessariamente, as línguas/linguagens, todas são, em princípio, traduzíveis umas para as outras com a restrição que as experiências humanas são diferentes. Então, há línguas que refletem diferenças na concepção e explicação dos fenômenos do mundo. Enquanto que nós temos uma explicação para o nascer do sol e da lua – nossa concepção astronômica em que os astros se relacionam, percepção que alcançamos faz muito tempo, apenas parte da humanidade e não toda, essa concepção que a terra é um objeto que gira em torno do outro que é o sol, e a lua é o terceiro objeto, mas que gira em torno da terra, chamado de satélite – nem todos os povos têm essa concepção. A maioria dos povos indígenas não veem assim. Não quer dizer que eles estejam errados.

AHR: *É questão de normatividade?*

ADR: Não, é questão de experiência e de percepção. Eles veem a relação entre Sol e Lua e entre Sol e Terra de maneiras diferentes. Às vezes simbólica, a Lua é um animal que em certos momentos está mais vivo, mais ativo, que, por outro lado, apaga, morre e volta de novo. O que se reflete em nossa terminologia tradicional ainda com as seguintes expressões: “lua crescente”, “lua minguante”. São concepções meio animais, e isso não é tão diferente de outros povos. Nós também, no passado, consideramos o nascimento da Lua como o ser humano que começa a viver. As culturas vão se diferenciando em função das experiências dos seus falantes. Vários povos passam por fases semelhantes. Uns se antecipam, outros ficam mais parados, conservadores. Com relação à história do Sol e da Lua dos povos indígenas, isso não significa que eles sejam um povo mítico que só vive de imaginação. É uma visão da realidade, como já foi para nós também. Então, diante disso, a tradução tem um princípio de que tudo é traduzível. Mas para ser bem traduzido, é preciso compatibilizar visões diferentes. Traduzir do português para o francês é fácil, para o alemão é fácil, para o russo também é fácil porque o fundo comum cultural é quase o mesmo pelas concepções culturais. Mas com relação à visão do indígena, que é outra, é mais difícil. A sua experiência com o guarani paraguaio não é a melhor para isso porque é uma experiência com uma população de origem espanhola. A língua está adaptada à cultura do povo. O guarani paraguaio não é igual ao guarani do Kaiowá, que continua com sua cultura indígena menos influenciada, menos compartilhada. Então, a cultura pende mais para um lado, e, às vezes, mais para outro. Isso se repete na história do mundo em várias regiões. Uma coisa é o árabe clássico, outra coisa é o árabe de cada país.

AHR: *Sim, essa é a situação dos árabes dialetais falados em diferentes países, em referência ao árabe clássico.*

ADR: Porque há diferentes culturas, e as línguas refletem as diferenças culturais. Língua/linguagem é um produto da cultura. Por isso quando se desloca o território, o nome muda. Pode-se chamar de outra língua ou de outro dialeto. E essa diferença de língua e de dialeto é relativa porque se eu digo que no interior do Rio Grande do Sul se fala um dialeto gaúcho – não o dialeto gaúcho – é porque o português falado lá tem diferenças marcantes do português falado a 500 km de lá, no Paraná ou em São Paulo. A gente reconhece o gaúcho quando ele fala, e eu posso apontar, ele vem daquela região ali. Não confunde com o paulista. Agora, tanto faz dizer que ele fala português, uma variedade de português, ou que ele fala gauchês. Não há diferença. Depende da situação cultural. Você já teve experiência com o galego?

AHR: *Sim, eu já ouvi o galego. No meu ouvido é muito próximo do português.*

ADR: Sim, e muito próximo do espanhol. O contraste é sempre com outras línguas. Toda essa terminologia é relativa. Onde começa o castelhano, e onde começa o catalão? Então, do lado da Espanha, eles acham que o catalão é uma variedade do espanhol. Mas do lado da França, eles acham que o catalão é uma variedade do francês.

AHR: *Sim, o ponto de vista muda.*

ADR: Justamente porque semelhanças há para os dois lados. Essa terminologia de língua e dialeto é sujeita a um grande grau de arbitrariedade. Muitas vezes são decisões políticas. Língua é nacional de uma nação oficializada. O resto é dialeto. As outras línguas são dialetos se elas são estreitamente aparentadas à outra língua. Não há nenhum critério objetivo para separar língua e dialeto. Dialeto é necessariamente não compreensível? Tem a mesma origem, mas... Tudo isso é arbitrário. No Brasil, dizer que não há dialetos, não faz sentido nenhum. Dialeto é a variedade regional de uma língua. Então, com essa área enorme repleta de dialetos. Alguns mais fortemente diferenciados, outros menos fortemente diferenciados em relação ao modelo adotado pelos intelectuais da língua oficial.

AHR: *Qual é o verbo que o senhor usa para definir a tradução? “Passar”? “Transmitir”?*

ADR: Tem um termo mais específico que é esse “traduzir”, que serve para qualquer grau de diferença. Traduzir línguas bem diferentes como o português-chinês, traduzir do português para o espanhol, do catalão para o espanhol. “Traduzir” tem essa vantagem. Quando “traduzimos” do chinês para o português, sabemos que essas duas línguas não têm – superficialmente, pelo menos – muita coisa em comum. Mas quando traduzida em português, uma frase do chinês é perfeitamente entendida por um falante de português. Isso também serve do catalão para o espanhol.

AHR: *O Sr. considera que superficialmente não existe proximidade entre o português e o chinês. Então, o Sr. acha que existe um denominador comum?*

ADR: Necessariamente.

AHR: *É isso que faz com que a tradução seja possível?*

ADR: Sim, é isso que faz com que a tradução seja possível, não importa que língua. Não há língua intraduzível para outra qualquer.

AHR: *Nesse caso a função/papel do tradutor é encontrar esse denominador?*

ADR: O papel do tradutor não é encontrar, porque o tradutor não é um pesquisador da natureza da língua. Mas é o conhecedor das duas práticas linguísticas. Ele vai achar correspondências para as ideias que estão sendo transmitidas numa língua para passar para a outra. Ele não vai pensar como funciona o verbo em chinês, qual é o sistema gramatical. O tradutor não precisa entender nem analisar a língua como o linguista. Ele precisa saber a língua. A maior parte das pessoas que traduzem não aprendeu nada de gramática, não tem nenhuma ideia de como isso funciona. Basta saber dizer as coisas nas duas línguas. Por exemplo, aqui no LALI tempos vários meninos. Tem um que é poliglota. Ele conviveu com outras línguas. A tribo do pai é Kamayurá, e é uma espécie de capital política do Alto Xingu. Então, lá, sempre tem casamentos, tanto de Kamayurá com índias não aparentadas linguisticamente, como com índias Kamayurá também. Essas são as relações sociais. Na aldeia kamayurá ele teve oportunidade de entrar em contato com índios com vernáculos

diferentes. E assim ele conhece umas quatro ou cinco línguas indígenas. Não por estudar, simplesmente por conviver. Isso é o normal, o comum, não escolarizado. Ninguém dá aula de língua para ninguém. Todo mundo aprende língua, convivendo e escutando o que eu estou falando e entrando aos poucos na língua. E aí, não importa qual a estrutura da língua. É tudo língua humana, todas.

AHR: *O Sr. falou de correspondências. Como o Sr. resolve conceitos e situações que não existem em outra língua em termos culturais, de representação da realidade?*

ADR: Se ele domina as duas línguas, quando há desencontro de concepções básicas, o que ele faz é simplesmente descrever na língua que ele está usando, para a qual ele está traduzindo, uma tradução mais ou menos literal do que os outros dizem, e aí ele tem que interpretar um pouco, dizer como eles estão entendendo aquilo que é diferente do que ele mesmo aprendeu. Ele tem que estar com o pé nos dois lados, do lado da língua do outro, e da língua dele para a qual ele está traduzindo.

AHR: *O Sr. estabelece uma diferença entre tradutor e intérprete?*

ADR: Sim. Você pode distinguir a tradução como sendo mais direta. Você estabelece as correspondências com situações semelhantes. Em português, a gente diz: “O sol nasceu às 6 horas.” Em inglês: “The sun appeared at 6 o’clock.” “Appeared” não é o mesmo que “nasceu”. Você não está traduzindo ao pé da letra porque senão não sai em inglês. Você vai adaptando, especialmente a tradução *versus* adaptação. A gente tenta fazer com que o “nascer” do português seja o “aparecer-appear” do inglês. “O sol nasce.”

AHR: *No caso desse exemplo do Sol, são concepções relativamente próximas. Eu tenho um exemplo em mente em relação ao guarani paraguaio. Ele tem inúmeras palavras para dizer “a luz do sol” quando o sol está nascendo. Esse momento da madrugada tem muitas palavras para falar da intensidade da luz, e metaforicamente do sol que está nascendo e do dia que está chegando. Em português, não temos essa variedade. Num caso como esse, como fica a tradução? Também não temos em francês. Se diz “le lever du jour”, mas isso não expressa o que temos em francês. Até essa palavra “madrugada” em francês não existe. Tem “le lever du jour”, “le matin”, mas esse espaço de tempo tão diversificado não tem em francês. No caso do guarani e do português, como fazer essa tradução com essas nuances todas culturais? Aí, eu não teria como traduzir?*

ADR: Você vai explicar. Como você vai dar ideia ao outro do que foi falado do lado de cá? A tradução não é uma coisa assim tão direta. Depende dos contextos em que essa língua é usada, e são contextos culturais. O fato de você em guarani distinguir várias fases dentro do espaço do amanhecer mais do que quando fala o português, isso é uma coisa cultural. Não muda a realidade não, é uma segmentação da realidade. E você pode dizer no português coisas como “ele madrugou”. Como você diz “ele madrugou” em francês?

AHR: *“Il s’est levé tôt”. Mas isso significa que ele “madrugou/levantou cedo”.*

ADR: Não dá a ideia da madrugada. Mas esse termo “madrugada” não tem só a ver com “acordar”, mas também com “não dormiu”. “Ele madrugou fazendo tal coisa...”. “Ele não dormiu”, portanto, ele varou a noite. São coisas de interesses culturais, não são diferenças linguísticas. Então, tradução é tratar de passar o que está expresso numa língua para outra, mas levando em conta as diferenças culturais. Então, a tradução não é só de língua para língua, mas de cultura para cultura. O tradutor que conhece a língua e não conhece a cultura

não consegue traduzir direito, coisas superficiais sim. Como traduzir um filósofo chinês sem conhecer a cultura chinesa, a filosofia chinesa? É impossível.

AHR: *O Sr. considera que um dos trabalhos que o tradutor teria que fazer é situar aquele material cultural dentro da cultura, de onde vem aquilo que é o objeto da tradução ?*

ADR: Sim, a formação do tradutor deveria ser muito mais do que linguística, mais cultural, sociológica e antropológica. Sem conhecer a cultura, não há condições de fazer uma boa tradução. A tradução literal então dá um bom entendimento.